



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA
CURSO DE LETRAS**

MARIA AMÉLIA BEZERRA DA SILVA

**UMA MULHER VESTIDA DE SOL NA SALA DE AULA: DO ERUDITO AO
POPULAR**

**JOÃO PESSOA
2018**

MARIA AMÉLIA BEZERRA DA SILVA

**UMA MULHER VESTIDA DE SOL NA SALA DE AULA: DO ERUDITO AO
POPULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Habilitação em Língua Portuguesa do Departamento de Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Kelly Sheila Inocêncio Costa Aires

JOÃO PESSOA
2018

MARIA AMÉLIA BEZERRA DA SILVA

UMA MULHER VESTIDA DE SOL NA SALA DE AULA: DO ERUDITO AO
POPULAR

Banca examinadora:

Data de aprovação: 13/ 11/ 2018

Kelly Sheila S. O. Aires

Prof^a. Dr^a. Kelly Sheila Inocência Costa Aires
(Orientadora)

Neilson Alves de Medeiros

Prof. Dr. Neilson Alves de Medeiros – IFPB
(Examinador)

Maria Betânia da Silva Dantas

Prof^a Msa. Maria Betânia da Silva Dantas – IFPB
(Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Antonio Bezerra da Silva (in memorian) e Maria do Socorro Bezerra pelo apoio, carinho e compreensão que sempre tiveram por mim e por me ensinarem que com educação, perseverança e honestidade podemos chegar aonde quisermos.

Às minhas filhas e filho, Aline, Alane, Amanda e Matheus pelo amor e pela compreensão nos momentos que precisei.

Ao meu esposo, Toinho por sempre estar do meu lado em todos os momentos, pela compreensão, por todo seu amor e atenção.

A todos os mestres do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) Polo João Pessoa, os quais tive o prazer de conhecer e obter grande aprendizado pelos seus conhecimentos.

Aos meus colegas Marcela, Luísa, Francisco, Socorro e Eliete que desistiram do curso e não estão vivendo esse momento junto comigo.

À minha orientadora, Kelly Sheila Inocência Costa Aires e a todos que tornaram a realização desse trabalho possível.

RESUMO

A cultura popular é exuberante, especialmente no nordeste, e o Movimento Armorial é uma página dessa história de riqueza artística que soma a cultura popular e a cultura erudita. Nada melhor do que Ariano Suassuna para descrever toda essa beleza, uma vez que cresceu no mundo dos livros e da literatura, no qual passou a ter contato com tradições e com a cultura do povo nordestino. A partir da vivência de Ariano nesses espaços culturais e artísticos recifenses é que surge o Movimento Armorial no Estado do Pernambuco, em um ambiente hostil, pois o Brasil passava por um período antidemocrático e opressor. Dessa forma, percebe-se que é na literatura que se encontra o núcleo do Movimento Armorial. Neste artigo, temos como objetivo analisar o Movimento Armorial, observando como nasceu e as suas características primordiais em vários campos do conhecimento, principalmente na literatura, assim como apresentar uma sequência didática fundamentada no Método Recepcional, no intuito de ler a peça e promover a discussão sobre o Movimento Armorial, a Cultura Popular e a Erudita em sala de aula. Também, estudaremos de forma breve a relação entre o erudito e o popular, presente nesse movimento, a partir do estudo da peça **Uma Mulher Vestida de Sol**, do autor Ariano Suassuna. Quanto à metodologia, trata-se de pesquisa bibliográfica e qualitativa, partindo da leitura sobre o tema, fazendo uso de livros, artigos e materiais encontrados em sítios eletrônicos. Assim, esperamos contribuir para que o espaço escolar reconheça e valorize ainda mais a Literatura e Cultura Popular, por meio da leitura literária, a qual é indispensável na formação de leitores críticos e cidadãos.

Palavras-chave: Uma mulher vestida de sol, Movimento Armorial, Método Recepcional, sala de aula.

ABSTRACT

Popular culture is exuberant, especially in the northeast, and the Armorial Movement is a history of the history of life which is a popular culture and erudite culture. The best way to express this beauty, once it grew in the world of books and literature, did not become a contact with the traditions and a culture of the Northeastern people. From the experience of a cultural and artistic space, the movement became an antidemocratic and oppressive exercise. In this way, we can see in the literature that it finds the core of the Armorial Movement. In this article, we aim to analyze the Armorial Movement, observing how they appeared and as their primordial characteristics in several fields of knowledge, especially in the literature, as well as presenting a didactic sequence based on the Method. on the Armorial Movement, the Popular Culture and the Erudite in the classroom. Also, we will quickly study the relationship between the scholar and the popular, in this movement, from the study of the case A woman Dressed by the Sun, by the author Ariano Suassuna. As for the methodology, it is a bibliographical and qualitative research, starting from the reading on the subject, making use of books, which are part of the electronic content. Thus, we hope to contribute to school learning and to value Literature and Popular Literature Culture, through literary reading, which is indispensable in the training of teachers and citizens.

Key words: Woman dressed in the sun, Armorial Movement, Receptive Method, classroom.

Sumário

1. ABRINDO AS JANELAS PARA O SOL ENTRAR.....	6
2. DO MOVIMENTO ARMORIAL A ARIANO.....	7
2.1. Raios de “Uma Mulher Vestida de Sol”.....	12
2.1.1 Um raio de sol: Rosa.....	13
3. SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	14
3.1. Etapas: Método Recepcional.....	14
3.1.1 – 1º Etapa: Determinação do Horizonte de Expectativas.....	15
3.1.2 – 2º Etapa: Atendimento do Horizonte de Expectativas.....	16
3.1.3 – 3º ETAPA: Ruptura do Horizonte de Expectativas.....	17
3.1.4 – 4º ETAPA: Questionamento do Horizonte de Expectativas.....	18
3.1.5 – 5º ETAPA: Ampliação do Horizonte de Expectativas.....	19
4. SOB O PÔR DO SOL.....	20
REFERÊNCIAS.....	23

1. ABRINDO AS JANELAS PARA O SOL ENTRAR...

Esta pesquisa pretende estudar, de forma breve, um movimento cultural que busca construir uma cultura eminentemente brasileira. Este movimento batizado de “Movimento Armorial” foi idealizado pelo escritor Ariano Suassuna, que visa uma arte erudita, a partir das raízes populares da cultura brasileira, preocupando-se em valorizar a arte brasileira erudita, baseada na raiz popular da nossa cultura. O estudo do Movimento Armorial passa por um processo de aventura e descobertas, vagando pelo estudo do seu precursor Ariano Suassuna, o qual perpassa os seus romances, aspectos da sua infância e lembranças de seu pai.

O estudo ora apresentado tem como objetivo analisar a obra literária de Ariano Suassuna, “Uma Mulher Vestida de Sol” abordando o Movimento Armorial, no qual está enquadrada tal obra, assim como apresentar uma sequência didática fundamentada no Método Receptional,. Desse modo, observaremos como nasceu esse movimento, suas características primordiais no campo da literatura e a relação entre erudito e popular a partir do estudo da peça de Ariano Suassuna.

A metodologia utilizada passou pela pesquisa literária sobre o tema, partindo de livros, artigos e matérias encontrados em sítios eletrônicos e realizando uma exaustiva revisão bibliográfica. Foram usadas técnicas de fichamento para facilitar a compreensão das obras estudadas. Desse modo, partimos de um estudo qualitativo para a compreensão do objeto de estudo, os fatores artísticos e literários, descrevendo, compreendendo e explicando o nosso objeto. Tendo sido necessário o estudo de alguns conceitos relevantes, tais como: armorial, literário, erudito e outros, pois são conceitos fundamentais para a compreensão dos textos. Por fim, foi realizada a elaboração de uma sequência didática, tendo em vista a vivência em sala de aula, a partir do estudo do Método Receptional.

No Estudo da peça “Uma Mulher Vestida de Sol” é visível, em síntese, os pressupostos do Movimento Armorial. Dessa forma, percebe-se que é na literatura que se encontra o núcleo do Movimento Armorial. Não apenas por seu idealizador é um escritor e, sim, porque foi na prosa e no verso que Ariano Suassuna pensou as questões fundamentais sobre o movimento. Em 1970, percebemos o aparecimento, oficial, da palavra armorial, contudo, Ariano já fazia uso desse termo muito antes, como percebemos no poema “Canto armorial”, publicado em 1950.

O escritor e dramaturgo Ariano Suassuna foi fundamental para a literatura nacional. Em suas obras, o autor consegue retratar hábitos e aspectos da vida de muitos brasileiros, de forma que, por meio da literatura desmistifica preconceitos e estereótipos. Ariano, gênio da literatura contemporânea, de forte opinião, apresenta em suas obras críticas sociais, denunciando, em seus enredos, os abusos de poder dos coronéis e dos políticos, o abandono e a exploração da população nordestina.

2. DO MOVIMENTO ARMORIAL A ARIANO

O Movimento Armorial surge do paradoxo entre realidade e imaginação, que apresenta de forma lúdica as fantasias sertanejas, com fortes traços de que o destino está ligado à religião, aceitando, enfim, a dialética complementar entre a vida e a morte.

Nesse cenário imagino-religioso, observamos o nascimento da cultura Armorial. Movimento criado por Ariano Suassuna, de forma espontânea, para designar a cultura de nosso sertão. Segundo Ariano (1974, p.07), a

Arte Armorial Brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos "folhetos" do Romanceiro Popular do Nordeste, com a Música de viola, rabeca ou pífano que acompanha seus "cantares", e com a Xilogravura que ilustra suas capas, assim como com o espírito e a forma das Artes e espetáculos populares com esse mesmo Romanceiro relacionados.

O Movimento Armorial apresenta um aspecto visual e estilístico peculiar. A mistura de características clássica com a sertaneja faz surgir um novo espaço de expressão artístico, com estilo próprio.

Em regra, a cultura se desenvolve de forma natural, a partir das ideias e comportamentos dos sujeitos em sociedade. Todavia, o Movimento Armorial, surge no meio acadêmico, na década de 1960, por meio das ideias do professor Ariano Suassuna. Lúcia Gaspar em seu trabalho "Movimento Armorial" (2009) nos apresenta alguns aspectos históricos do movimento, apontando que a Universidade Federal de Pernambuco foi fundamental para as inspirações culturais do professor Ariano, juntamente com o envolvimento dos discentes. Assim, observamos que a cultura armorial não é uma expressão artística que surge naturalmente, mas algo

pensado por intelectuais em um espaço acadêmico. Desse modo, percebemos um refinamento, mas com “pitadas” de simplicidade sertaneja.

Neste trabalho se faz necessário entendemos um pouco sobre a vida do idealizador do Movimento Armorial, Ariano Suassuna, paraibano, nascido na capital do Estado, no dia 16 de junho de 1927, seu pai, João Suassuna era, à época, governador do Estado Paraíba. Ariano teve seu pai “arrancado” de seus braços ainda criança, devido a questões políticas, João Suassuna, foi assassinado. Com a morte de seu pai, a família mudou-se para a cidade de Taperoá, no interior do Estado, onde Ariano passou a frequentar a escola, passando a descobrir o mundo fascinante das letras. Lá descobriu o mundo dos livros e da literatura, passou a ter contato com as tradições e a cultura do povo nordestino.

De acordo com Kelly Costa (2006):

entre a cultura popular e a cultura erudita, Suassuna cresceu. Ainda criança foi estudar no Recife. Nesta cidade, formou-se em Direito e em Filosofia; atuou como professor de Estética da Faculdade de Filosofia da UFPE; fundou com outros colegas o Teatro do Estudante de Pernambuco; trabalhou como crítico teatral do Diário de Pernambuco; participou do Conselho Federal de Cultura (1968-1972); fundou também a Orquestra Armorial, conhecida em todo país por tocar músicas regionais com instrumentos clássicos (COSTA, 2006, p.15).

Em consonância com o pensamento da autora, a partir da vivência de Ariano nesses espaços culturais e artísticos recifenses, é que surge o Movimento Armorial no Estado do Pernambuco, em um ambiente hostil, pois o Brasil passava um período antidemocrático e opressor, em que muitos movimentos culturais precisavam desenvolver sua arte no anonimato.

Para que possamos melhor compreender o Movimento Armorial, devemos ter em mente que ele bebeu dos espaços da cultura popular pernambucana, que de forma autêntica, os artistas e intelectuais do estado apresentavam sua arte e o aprimoramento do conhecimento a partir do fomento da arte.

Desse modo, como nos aponta Amanda Veríssimo (2008), o Movimento de Cultura Popular do Estado de Pernambuco - MCP foi peça fundamental para a inserção cultural do Movimento Armorial, que tinha um aspecto político, de encontro a aproximação política do Movimento Popular. Os artistas e intelectuais que fundaram o Movimento de Cultura Popular Pernambucana foram, em sua grande maioria, expoentes do que futuramente seria o Movimento Armorial, como o seu grande idealizador, Ariano Suassuna.

Devido a aproximação do Movimento Popular com a política e a tomada do poder político pelos militares em 1964, fez com que alguns dos seus líderes, que faziam parte, também, do poder executivo de Estado de Pernambuco deixassem o Movimento, ocasionando assim o seu fim (VERÍSSIMO, 2008).

É extremamente complicado a desvinculação dos espaços artísticos-culturais dos espaços de poder político, pois, uma vez que arte não é excludente, as pessoas que possuem vínculo político, ao mesmo tempo, estão ligadas a movimentos culturais artísticos, ou à arte não pode deixar de expressar os desajustes estruturais políticos, tendo em vista que deve cumprir com a função social.

Segundo Amanda Veríssimo (2008), o período ditatorial brasileiro fez com que o MCP se desarticulasse, fazendo surgir o Movimento Armorial, criado por alguns remanescentes desse movimento, como o escritor Ariano Suassuna, que teve papel fundamental no espaço de criação de uma expressão cultura sertaneja.

Na época, os problemas nacionais se agigantavam, a temática da fome, principalmente da região Nordeste, onde a miséria e as dificuldades não eram exclusividade de discursos governamentais, por isso artistas e intelectuais de todas as classes sociais se pronunciavam para alertar a sociedade brasileira sobre os problemas dessa região. Filmes, livros e peças de teatro centralizavam o enredo em questões como a seca e a fome, porém, apesar de todos os seus problemas, o Nordeste exercia uma grande atração pelos seus encantos de uma região rica em Cultura Popular.

É nesse espaço que surge, no Nordeste do Brasil, o Movimento Armorial, apresentando para o país a Cultura Popular como uma autêntica cultura nacional, que apresenta influências do passado cultural de determinados povos. Assim, ao construir uma cultura com traços clássicos, misturados com um toque sertanejo, surgiu uma arte estritamente nacional, em um espaço que sempre mantém vivas suas características ao longo do tempo. Nas palavras de Veríssimo, para

Suassuna, voltando-se para as origens e para o passado que a cultura expressaria sua singularidade era fundamental, por isso contrapunha-se às influências estrangeiras que dizia estarem presentes nos movimentos artísticos da época. Isso gerou críticas, pois era dito que os pensadores armoriais se negavam a receber influências internacionais em sua obra, mas não se negavam a buscar nelas as influências do passado. Nem tudo que era estrangeiro era considerado “estranho” ao Movimento Armorial. A influência ibérica era relacionada, para eles, com o que consideravam

“fósseis” culturais encontrados na música armorial, como a influência moura/árabe (VERÍSSIMO, 2008, p12).

Tento em vista que o Movimento Armorial foi construído também com elementos culturais passados, a Arte popular brasileira, expressão máxima do desenvolvimento cultural de seu povo, passou por um processo de discriminação em todos os espaços de conhecimento, até mesmo no meio acadêmico, pois a presença de elementos negros e vermelhos da cultura brasileira gerou preconceito com a arte armorial. Para quebrar esse pensamento que não faz parte de arte, Ariano Suassuna fez uso da integração de elementos de várias culturas, em busca da estrutura cultural estritamente nacional. Felizmente, a aberração da discriminação, não foi absoluta, porque os espaços de poder governamentais regionais se abriram para fomentar uma arte nordestina, mostrando para todo o país a expressão da beleza da arte nordestina.

O Movimento Armorial apresenta uma estrutura que se divide em três movimentos distintos, os quais apresentam momentos de grande construção cultural e aspirações artísticas: a fase Experimental, Romançal e Arraial.

A primeira fase, a qual denominou-se “Experimental”, compreende o período entre 1970 a 1980. Como podemos perceber a fase experimental está ligada ao início oficial de desenvolvimento cultural do movimento. O precursor do Movimento Armorial, Ariano Suassuna, por ser desde criança ligado à criação artística, sempre esteve rodeado de pessoas que respiravam arte, cada qual com suas peculiaridades e especificidades criadoras, assim

coligou em volta de suas idéias artistas que tinham em suas obras a linha do movimento como pode ser citado: Na pintura e na cerâmica, destacaram-se Francisco Brennand e Miguel dos Santos; na Pintura Armorial deveria ter o espírito mágico e poético do romanceiro e das xilogravuras, que têm como peculiaridade um desenho forte e grosseiro, como herança da cultura popular. Tendo semelhança com os brasões, bandeiras e estandartes dos espetáculos populares nordestinos, tendo ligação com a cerâmica e a tapeçaria (VERÍSSIMO, 2008, p.12).

A arte Armorial apresenta em seu espaço de expressão artística a Gravura, as quais absolveram-se expirações eminentemente nordestinas, como a xilogravura no uso da madeira. Também, faz uso da escultura, bebendo da arte da literatura de cordel e dos livros proféticos. Na escultura, utiliza-se de instrumentos, tais como a madeira e a pedra, construindo arte com utensílios que podem ser encontrados facilmente no sertão nordestino.

Na literatura e no cinema, temos como expressão as produções do Movimento Armorial, as obras do escritor e dramaturgo, Ariano Suassuna. Na fase Experimental, podemos apontar a produção do filme “A Compadecida” em 1969. A obra escrita por Suassuna era um filme que tinha que ser marcado pelo meio épico, festivo e espetacular do teatro popular nordestino (VERÍSSIMO, 2008). Contudo, é preciso colocar que o Movimento Armorial não conseguiu, em seu primeiro momento, aglutinar todas as áreas de expressão artístico-cultural necessárias à formação de uma cultura estritamente sertaneja. Necessitando, assim, ampliar o campo da dança e da arquitetura, visto que Ariano sonhou

com uma arquitetura civil e religiosa brasileira, a qual partindo do bom-senso meio mouro e chão da arquitetura das casas, desse salto maior para o divino, com florestas de pedras, colunas de arenito retorcida em forma de troncos vegetais, dividindo fachadas e espaços revestidos de azulejos e cerâmicas, com linhas curvas, cariádites de pedra, algo que se lançasse tortuosa e triunfantemente para o alto, através do maciço, do pesado e do irregular, exatamente como faz a alma humana que ‘compensa a rotina com a Poesia e a exatidão com a Loucura (SUASSUNA, 1974, p. 51).

Além de Ariano Suassuna, o campo na literatura esteve cheio de escritores Armoriais, como também na música que teve como principal expoente o compositor Antonio Nóbrega. A segunda fase do Movimento Armorial ou fase Romançal (1980 a 1995) não apresenta registros escritos. O que se tem conhecimento sobre esse período é que, de acordo com Amanda Veríssimo *et al* (2008), Ariano Suassuna é nomeado Secretário de Cultura do Recife. O Balé Armorial é aberto, contudo, teve curto período de atividade. Depois, é fundado o Balé Popular do Recife, em funcionamento até hoje. Já o Quinteto Armorial põe fim a suas apresentações abrindo espaço para e a formação da Orquestra Romançal Brasileira.

A terceira fase do Movimento Armorial, ou Arraial, inicia em 1995 até os dias atuais. Percebe-se, nesse período, a entrada de novos artistas que desde sempre foram imersos na cultura do movimento, como o escultor Arnaldo Barbosa, os pintores Dantas e Zélia Suassuna (filho e esposa de Ariano) (VERÍSSIMO, 2008). Nessa fase, alguns artistas, como Antonio Nóbrega, que era compositor do Quinteto Armorial, com o fim do grupo, passou a fazer sucesso como um multiartista. Assim, vemos que os caminhos seguidos por alguns artistas passaram, ao longo do tempo, por um processo de mutação, de adaptação das estruturas postas.

Para melhor compreendermos o Movimento Armorial, neste trabalho vamos analisá-lo a partir do breve estudo da obra **Uma Mulher vestida de sol**, que

apresenta em seu enredo aspectos marcantes das características armoriais. Ariano, com sua arte erudita-sertaneja, nessa peça, constrói, por meio de ressignificação do passado, em espaços do nordeste brasileiro uma arte nacionalista, o que evidencia o Movimento Armorial como instrumento de importância para a cultura de nosso país.

2.1. Raios de “Uma Mulher Vestida de Sol”

A peça **Uma Mulher Vestida de sol**, foi escrita, em 1947, pelo escritor dramaturgo Ariano Suassuna para um concurso promovido pelo Teatro do Estudante de Pernambuco, o qual aconteceria no mesmo ano, sendo classificada em primeiro lugar. Historicamente, essa peça foi a primeira grande tragédia produzida no Nordeste, sendo reescrita em 1957 por Ariano, quando ele dominava totalmente os seus meios de expressão.

Uma Mulher Vestida de Sol foi construída em três atos e apresenta uma narrativa trágica de amor entre dois jovens. A História se passa no sertão nordestino, onde os personagens Joaquim Maranhão, pai de Rosa, e Antônio Rodrigues, pai de Francisco, brigam devido a uma divisão de terras.

Joaquim Maranhão é irmão da mãe de Francisco, Inocência. Desse modo, Rosa e Francisco são, portanto, primos e, por estarem imersos em um espaço e no tempo em que a força de uma arma vale mais do que a voz da justiça, conhecem de perto, por sentir na pele, o que a disputa de terra representa no sertão, potencializada, por pessoas como Joaquim Maranhão, que tem uma enorme sede de poder, colocando a terra acima de tudo, até mesmo dos laços familiares.

Joaquim Maranhão é um homem muito cruel, que resolve seus problemas à bala ou à faca, sem muita conversa. A mãe de Rosa foi assassinada pelo marido porque ele acreditava que ela cometia adultério. Por outro lado, Antônio Rodrigues se apresenta no enredo como um homem justo e equilibrado, que tenta de todas as formas entrar em acordo com o cunhado, um acordo que seja bom para ambas as partes, visto que o que está em jogo é a terra, sagrada por ter sido deixada por seu pai e que deverá ser de seu filho. A residência das duas famílias é separada por uma cerca, a qual é vigiada dia e noite pelos “cabras armados” dos fazendeiros.

O jovem casal, Rosa e Francisco, vive um amor proibido e, apesar da disputa dos pais, decidem se casar, mesmo sabendo que essa decisão pode lhes custar a vida. Joaquim, desconfiando das intenções de Francisco com sua filha,

decide enviá-la para longe, deixando o casal sem saída. Durante a leitura da obra, a apreensão do leitor pela derrubada da cerca vai sendo substituída pelo medo de que o pior aconteça a Rosa e a Francisco e ambos não consigam viver o seu amor.

2.1.1 Um raio de sol: Rosa

Rosa é uma jovem sertaneja, filha de Joaquim Maranhão, que perdeu a mãe ainda pequena, o que a impede de possuir muitas lembranças. Sua mãe foi assassinada pelo próprio pai. Sua criação foi de responsabilidade do pai e da sua avó materna, Donana, que sempre esteve ao lado da neta.

Rosa era muito bonita, tinha olhos e cabelos escuros, assim como sua mãe, e também era muito calada e temia pelas atitudes do pai, vivia pelos matos sem ver nem conversar com ninguém. Provavelmente, seu comportamento se dava devido à perda trágica de sua mãe, além do mais pelo fato de possuir um pai bruto e muito protetor que privava a filha de muitas coisas. Ela adorava a natureza, acordava cedo e ia até a cacimba para sentir o cheiro do barro e admirar a água ainda serenata, fria e limpa do sereno da noite (SUASSUNA, 2016, p. 54-55), como podemos perceber nas falas a seguir.

INOCÊNCIA- Meu deus, ela nem me ouviu!

DONANA – Não repare, é o medo e é o jeito dela. Rosa é um bicho brabo. É de viver nesses matos, sem ver ninguém (SUASSUNA, 2016, p. 63).

Rosa é apaixonada pelo primo Francisco, filho de Antonio Rodrigues, o qual, por sua vez, é cunhado e inimigo do seu pai. No primeiro ato, podemos observar que Rosa é uma moça esperançosa, pois ela vive na expectativa do dia que Francisco irá retornar, mesmo com o boato que ele havia sido morto após ter se juntado ao cangaço. Ela acreditava mais do que qualquer um que Francisco estava vivo e que voltaria. A dimensão do seu amor fica claro quando ela afirma que se ele houvesse morrido a vida se acabou para ela.

MARTIM – Outros dizem que ele morreu, que a polícia matou, numa estrada da espinhanha. E se ele tiver morrido Rosa?

ROSA – Se ele morreu a vida se acabou para mim. Mas ele está vivo (SUASSUNA, 2016, p. 50).

Com o retorno de Francisco, passamos a conhecer uma Rosa corajosa, que decide viver seu amor e se casar com o primo, apesar da rixa que existe entre as duas famílias. Pela primeira vez, ela toma uma atitude pensando nela e em viver esse amor, queria apenas ser livre e ser feliz se mostrando uma mulher forte e decidida.

Com a descoberta do plano de Rosa e de Francisco, Joaquim Maranhão arma uma emboscada, na qual mata Francisco, Rosa fica desolada e surpreende quando decide ajudar seu tio a vingar a morte de Francisco. Com a morte do seu pai, Rosa sente a terrível angústia de ter sido responsável pela morte do próprio pai e, para vingá-lo, mata-se com um punhal.

Com a morte do amado e do pai, Rosa se sente culpada e se mata. Sua atitude teve como intuito juntar-se a Francisco, onde quer que ele esteja, e vingar a morte do Pai, por ter participado dela. Ela não via uma maneira diferente de acabar com tudo isso, sendo o suicídio a forma de ficar em paz, embora a sua formação religiosa o concebesse como “pecado”. Na fala a seguir, ela não desiste do suicídio e pede orações para que seja perdoada.

ROSA – Peçam a Nossa Senhora para que minha morte seja perdoada!
MANUEL- Acabou-se, morreu! Você sabia que ela estava com a fama!
CAETANO- Não! (SUASSUNA, 2016, p. 191).

Nesse tópico analisamos brevemente o enredo e uma das personagens principais, Rosa, com o objetivo de nos aproximarmos da obra e situar o leitor deste artigo, para depois sugerir uma sequência didática para lê-la em sala de aula sob a perspectiva do Método Recepcional.

3. SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Na área da educação é primordial fazer uso de práticas alternativas para ensino da linguagem que propiciem ao aluno um melhor entendimento e interpretação, dessa forma a sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito. (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004, p. 97).

3.1. Etapas: Método Recepcional

Nesta Sequência Didática será proposta uma sequência didática como objetivo de ler a peça **Uma Mulher Vestida de Sol**, do escritor Ariano Suassuna, com turmas do 3º ano do Ensino Médio, em um período de tempo estimado em um bimestre. Essa sequência tem como embasamento teórico o Método Receptional. Esse método apresenta cinco etapas: **1) Determinação do Horizonte de Expectativas; 2) Atendimento do Horizonte de Expectativas; 3) Ruptura do Horizonte de Expectativa; 4) Questionamento do Horizonte de Expectativas; 5) Ampliação do Horizonte de Expectativas.**

De acordo com Bordini e Aguiar (1993, p. 81-102), criadoras do método, este se realiza com a aproximação entre o texto e o leitor, de forma que toda a historicidade de ambos vem à tona.

Segundo as autoras, uma metodologia de ensino de literatura baseada nesse método concebe a sala de aula como um laboratório de experimentação e reflexão, em que as atividades se estruturam obedecendo às fases da pesquisa científica. Assim, o ponto de partida é um plano de ensino, o qual prevê a proposição de situações desafiadoras aos estudantes, que estimulem a investigação e o raciocínio na solução de problemas.

Nesse sentido, é indispensável que sejam colocados em prática, pelo aluno que é alvo do Método Receptional, alguns princípios básicos como receptividade, concretização, ruptura, questionamento e assimilação.

3.1.1 – 1º Etapa: Determinação do Horizonte de Expectativas

Esta etapa é uma sondagem sobre os conhecimentos e expectativas dos alunos em relação ao hábito de leitura.

Segundo as autoras Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1993), na “Determinação do horizonte de expectativas”, o educador observa, analisa e descobre as áreas de interesse dos alunos, a fim de prever estratégias de ruptura e de transformação do seu horizonte.

Na primeira etapa, as atividades serão iniciadas com uma sondagem, caracterizando a determinação dos horizontes de expectativas dos estudantes, ou seja, o conhecimento prévio, se já têm algum conhecimento sobre as obras de Ariano Suassuna e quais suas expectativas em relação a este assunto.

Primeiramente, será aplicada a técnica – Teia semântica ou Mapa Conceitual¹ – com o título da obra: **Uma Mulher Vestida de Sol**, com o intuito de fazer um apanhado daquilo que o título da obra remete ao estudante, praticando a técnica de leitura: antecipação.

Em seguida, será aplicado um questionário de investigação leitora, optando por questões abertas, para que os estudantes tenham a liberdade de expor sua situação enquanto leitor e se declarar como leitor ou não de obras literárias, especialmente, da obra de Ariano Suassuna. Essas são as questões para o debate: 1) Você se lembra de já ter ouvido falar em Ariano Suassuna? 2) Você teve a oportunidade de conhecer Ariano Suassuna pessoalmente, uma vez que ele esteve duas vezes em um povoado próximo, na Escola Tomé Francisco da Silva, apresentando sua Aula Espetáculo? 3) Saberá apresentar uma característica marcante do escritor Ariano? 4) Você já leu alguma obra literária desse autor ou de outro? 5) O que mais chamou sua atenção na(s) obra(s)? Por quê? 6) Costuma ler fora da escola? Qual é a sua preferência de leitura? Por quê? 7) Você já leu poemas? O que achou desse gênero literário? Por quê? 8) Quando ouve músicas, presta atenção às letras ou apenas ao ritmo? Comente. 9) Na escola, você já ouviu falar de Romance? 10) Você considera a leitura uma diversão ou uma “chateação”? Por quê? 11) Ler na escola ou para a escola é diferente de ler em casa? Por quê? Você já leu alguma obra teatral? Sente alguma dificuldade em lê-las?

Portanto, o desenvolvimento da Teia semântica ou Mapa Conceitual e a análise do questionário deverão levar às seguintes conclusões: quais as primeiras impressões que o leitor/ estudante tem da obra explorada, o que ele pode antecipar sobre ela tendo por embasamento apenas o título. Também, revelará o que eles reconhecem e o que querem conhecer, o que pode estar relacionado à cultura deles; se gostam de ler, qual o entrave que os afasta da leitura, quais os encaminhamentos feitos pela escola em relação à leitura quanto à cobrança do conteúdo lido e se são bem aceitos ou não pelos estudantes, se eles se mostram dispostos a adquirirem hábitos de leitura, se desejam encarar a leitura como lazer ou, apenas, uma obrigação imposta pela escola.

1 **Mapa conceitual** é uma estrutura gráfica que ajuda a organizar ideias, conceitos e informações de modo esquematizado. Consiste numa ferramenta de estudo e aprendizagem, onde o conteúdo é classificado e hierarquizado de modo a auxiliar na compreensão do indivíduo que o analisa.

3.1.2 – 2º Etapa: Atendimento do Horizonte de Expectativas

Nesta etapa, são proporcionadas à turma experiências com os textos que satisfaçam as suas necessidades, quanto ao objeto e quanto às estratégias de ensino.

Conforme as autoras Bordini e Aguiar (1993), a etapa “Atendimento do horizonte de expectativas” é o momento em que os alunos terão acesso a textos que satisfaçam suas necessidades com atividades organizadas, a partir de procedimentos do agrado da turma.

Ela será iniciada com proposição da leitura integral da peça que poderá ser realizada oralmente de forma compartilhada em sala de aula ou em um ambiente mais propício, como o jardim da escola. Ainda, nesta etapa, será apresentado aos alunos o “**Diário de Leitura**”, que consiste em um caderno individual, no qual cada aluno deverá anotar as suas impressões, os comentários, as dúvidas, entre outros apontamentos, em relação à leitura que está sendo feita. É um diário reflexivo de leitura que é semelhante a um diário pessoal, pois o aluno não fará um resumo da obra, mas contará como foi a sua experiência de leitura.

Esse diário deve ser usado dentro e fora da sala de aula. O professor deve orientar os alunos sobre a importância de registrar tudo, a busca de objetivos para a leitura, a expressão de dúvidas, reflexões sobre as dificuldades com a leitura ou mesmo sobre o processo de leitura.

Neste sentido, torna-se imprescindível a aplicabilidade deste diário de leituras já que é uma escrita de si para si, Machado (1998, p.8) sugere que: “Em relação especificamente ao ensino de leitura, implicaria criar condições para que todos os sujeitos leitores envolvidos numa situação de comunicação escolar específica expusessem, confrontassem e justificassem suas diferentes interpretações e suas diferentes práticas de leitura”.

Depois disso, será feita uma discussão reflexiva dirigida sobre os principais aspectos da obra lida. Dessa forma, o professor perceberá se os alunos mergulharam no mundo imaginário da história contada por Ariano Suassuna e se compreenderam bem a história.

Por meio dessas atividades, os estudantes terão a oportunidade de conhecer a obra completa, refletindo e confrontando o que foi lido e discutido com

as suas primeiras impressões sobre a obra e a sua bagagem de leitura, revelando, assim, as suas impressões pessoais sobre ela.

3.1.3 – 3º ETAPA: Ruptura do Horizonte de Expectativas

Nesta etapa, propõe-se que os textos e as atividades que são introduzidos abalem as certezas e os costumes dos alunos, tanto literários quanto culturais.

Bordini e Aguiar (1993) afirmam que a **Ruptura do horizonte de expectativas** se realiza por meio da apresentação de textos e de atividades de leitura que ultrapassem as certezas e os costumes dos alunos em relação à literatura e/ou à vivência cultural.

Esta etapa será iniciada com a audição de excelências, benditos, aboios e pelejas da Cultura Popular Nordestina, por meio da exibição de vídeos. Em seguida, haverá um debate sobre esses gêneros. Primeiramente, investigando o conhecimento que os estudantes têm sobre eles ou não, para, depois, direcionar o debate para as impressões dos estudantes sobre essas manifestações culturais do Nordeste.

Dando continuidade, os estudantes pesquisarão informações breves sobre o que são excelências, benditos, aboio e peleja e, também, sobre os contextos culturais em que cada uma é (era) vivenciada, de modo a proporcionar uma maior aproximação com a cultura popular, incentivando-os a valorizarem-na.

Depois será feita uma discussão reflexiva sobre Cultura Popular Brasileira, embasada em material de apoio e leitura que o professor trará para a sala de aula. Se houver disposição por parte dos estudantes, poderá ser vivenciado um momento de entoação de benditos, excelências, aboio ou peleja.

Por fim, essas atividades serão realizadas com a clara intenção de desafiar o aluno a mergulhar em um mundo cultural bem diverso do seu, com modalidades musicais e culturais diferentes das suas, induzindo-os a fazerem um paralelo entre mundos culturais tão diversos e a respeitarem e os valorizarem com todas as suas peculiaridades.

3.1.4 – 4º ETAPA: Questionamento do Horizonte de Expectativas

Nesta etapa, faz-se uma análise comparativa das experiências de leitura e se debate sobre a reação em relação aos textos lidos. Nesse sentido, as autoras Bordini e Aguiar (1993) afirmam que a etapa **Questionamento do horizonte de expectativa** se concretiza por meio da comparação entre os textos apresentados, de forma que o aluno é levado a refletir sobre quais leituras lhe trouxeram mais satisfação ou conhecimento.

Nesse momento, duas outras atividades serão desenvolvidas:

1. Será aplicada a estratégia de leitura, seleção cognitiva, ou seja, síntese das ideias principais da obra, por meio de fichas, elaboradas a partir das discussões anteriores, o professor apresentará cada ato da peça e a ideia principal de cada um deles, para que os alunos façam a correlação. Essa atividade é importante para a interpretação do enredo da obra e também para que eles reconheçam a ideia principal de cada ato.
2. Será vivenciado um momento intitulado: **Acareação dos personagens**, que é um pouco semelhante a um júri-simulado. Os personagens Joaquim Maranhão e Antônio Rodrigues são colocados frente a frente (representativamente) e suas características psicológicas e suas ações serão apresentadas pela ótica de dois advogados, com o objetivo de a plateia analisar e se posicionar a favor de um ou do outro, bem como opinar sobre com qual dos dois as terras devem ficar. A plateia vota e decide.

É interessante desenvolver essa atividade, pois os alunos terão a oportunidade de conhecer mais a fundo os dois personagens envolvidos no conflito da obra, analisá-los e opinar com qual dos dois deve ficar as terras tão cobiçadas e causadoras de tanta desgraça.

Durante toda essa etapa, os alunos continuarão a produzir o Diário de leitura, com as reflexões sobre a obra, os personagens, o enredo e sobre as atividades que estão sendo desenvolvidas a partir da leitura.

Ainda, nesta etapa, o professor sugerirá a leitura da peça: **Romeu e Julieta**, de William Shakespeare, em sala de aula, como ocorreu com a outra obra

lida. Posteriormente, será feita uma análise comparativa entre as duas obras lidas, com a intenção de que os estudantes percebam pontos de convergência entre elas.

Logo, o desenvolvimento dessa atividade proporcionará aos estudantes a aproximação comparativa de obras produzidas em épocas diferentes, realizando o diálogo entre ambas e, por meio de uma análise comparativa, poderá enriquecer o seu conhecimento literário.

3.1.5 – 5º ETAPA: Ampliação do Horizonte de Expectativas

Nesta etapa, que é resultante da reflexão sobre as relações entre leitura e vida, há uma tomada de consciência das alterações e das aquisições, obtidas por meio da experiência com a literatura.

Segundo Bordini e Aguiar (1993), nesse momento, os alunos tomam consciência das mudanças e das aquisições obtidas por meio do contato com diferentes textos, de forma que percebam que as leituras feitas dizem respeito não só a uma tarefa escolar, mas ao modo como veem seu mundo.

Nesta etapa, o professor deve trazer para a sala de aula um varal com a biografia de Ariano Suassuna, depoimentos dele, sua bibliografia, livros etc. Os alunos terão livre acesso a essas obras e poderão ler em sala de aula ou levar para casa. Esse varal oferecerá subsídios para a iniciação de um blog da turma, que será dividida em grupos, cada um assumindo uma função para a estruturação dele. Também, poderão ser selecionadas algumas reflexões do Diário de Leitura para serem colocadas no blog, caso os alunos permitam.

Essa atividade fará com que os alunos se aprofundem mais e estendam seu conhecimento sobre o autor em estudo e a sua obra, sobre o Movimento Armorial e a sua importância para o cenário cultural brasileiro e nordestino contemporâneos, bem como disseminem seus conhecimentos com muitas outras pessoas por meio das redes sociais.

O professor poderá oferecer ainda a sugestão de leitura do romance **Fernando e Isaura**, de Ariano Suassuna para que os alunos o leiam e, depois, realize uma comparação com as outras obras lidas para perceberem as relações entre os temas propostos em cada uma delas. Essa atividade será bastante

enriquecedora, pois acrescentará bastante conhecimento à sua bagagem literária e despertará ainda mais o interesse deles pela leitura.

Encerrando esta etapa, os alunos assistirão à minissérie **Uma mulher vestida de sol**, para que possam concretizar as imagens que foram produzidas na sua imaginação e sejam resgatados momentos que, algumas vezes, ficam obscuros na memória do leitor, dando-lhes mais emoção.

4. SOB O PÔR DO SOL...

O movimento armorial, mesmo não sendo de fácil percepção e delimitação, é vivenciado pelo povo nordestino em suas representações, de modo que é possível enxergá-lo na música, nas xilogravuras, nas peças teatrais e em vários espaços de expressão artísticas. Isso, também, remete-nos às construções artísticas de Ariano Suassuna, criador do movimento. Logo, construir uma cultura brasileira a partir de elementos clássicos, não é fácil, e mostrar o sertão nordestino de forma lúdica, menos ainda.

Ariano, com seu jeito nordestino de ser, consegue colocar seu movimento e sua arte na memória do povo brasileiro. A tragédia contada em **Uma mulher vestida de sol** apresenta várias referências clássicas implícitas e explícitas, como uma passagem bíblica do livro do Apocalipse, passando por uma representação de cenários da vida das pessoas que vivem e sobrevivem às mazelas que existem no sertão, provadas por fatos naturais ou humanos.

No tocante à sequência didática foi explorado a peça e o Método Recepcional, de forma que podem trazer para a sala de aula momentos bastante enriquecedores para os estudantes, em que eles se tornam protagonistas do seu conhecimento, tanto do instituído quanto do de mundo.

Esse método promove um entrelaçamento prazeroso entre leitor, autor e obra tornando-os parceiros. O aluno se torna apreciador ativo e também mais consciente em relação à literatura e à vida, gerando com isso o aprimoramento de sua experiência estética e ideológica. Em resumo, o estudante/leitor percebe-se como agente do processo, num constante aprimoramento cultural e social.

Nesse sentido, fica claro que no ato de produção/recepção, a fusão de horizontes de expectativas se dá obrigatoriamente, uma vez que as expectativas do autor se traduzem no texto e as do leitor são a ele transferidas. O texto se torna o

campo em que os dois horizontes podem se identificar ou se estranhar. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 83). Assim, a escolha de um texto que não se distancie muito do horizonte de expectativas garantiria a sua modificação sem ocorrer grande estranhamento que poderia prejudicar o entendimento da obra.

Por intermédio desse método, portanto, chega-se ao aluno de forma efetiva, fornecendo-lhe subsídios para uma melhor leitura, que será construída passo a passo. Aos poucos, o aluno vai se familiarizando com os textos, escritores e livros, percebendo que a leitura é fruição, é prazer e não apenas obrigação. Assim, concretiza-se um ato de comunicação entre escritor-obra-leitor e, por se tratar de um método eminentemente social, há uma constante interação das pessoas envolvidas, considerando-as sujeitos da história.

REFERÊNCIAS

BORDINI, M e AGUIAR, V. T. **A Formação do Leitor: Alternativas Metodológicas**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

COSTA, Kelly Sheila Inocência. A farsa da boa preguiça na sala de aula: o ideário cristão e o riso entre a cultura popular e erudita. 2006. **Trabalho de conclusão de curso** (mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

GASPAR, Lúcia. **Movimento armorial**. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=696. Acesso em: 04 jul. 2018

MACHADO, Ana Rachel. **O diário de leituras: a Introdução de um Novo Instrumento na Escola**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SUASSUNA, Ariano. **Uma mulher vestida de sol**. Ed. 20, Editora José Olímpio, São Paulo, 2016.

_____. **O Movimento Armorial**. Recife: Editora Universitária, 1974.

VERÍSSIMO, Amanda. **Movimento armorial. 2008**. Disponível em: <http://profbiuvicente.blogspot.com/2008/04/movimento-armorial.html>. Acesso em: 04 jul. 2018.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros Oraís e escritos na escola**. Trad. e org. ROJO, Roxane; CORDEIRO, Glaís S. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.